



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



RENAN PORTELA MELO

AVALIAÇÃO FORMATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: possibilidades e aproximações apresentadas no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) 2017

UBERLÂNDIA
2019

RENAN PORTELA MELO

AVALIAÇÃO FORMATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: possibilidades e aproximações apresentadas no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) 2017

Pesquisa apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do diploma de Graduado em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Ms. Clarice Carolina Ortiz de Camargo

Coorientador: Prof. Ms. Tiago Alves Soares

UBERLÂNDIA
2019

RENAN PORTELA MELO

AVALIAÇÃO FORMATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: possibilidades e aproximações apresentadas no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) 2017

Pesquisa apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do diploma de Graduado em Educação Física.

Uberlândia, 11 de julho de 2019

Banca Examinadora

Presidente: _____

ESEBA/UFU Prof. (a) Mestre (a). Clarice Carolina Ortiz de Camargo –

Membro: _____

Prof. (a) Dr (a). Sonia Bertoni – FAEFI/UFU

Membro: _____

Prof. Mestre Tiago Alves Soares – ESEBA/UFU

Coordenador do curso: Prof. Dr. Eduardo Henrique Rosa Santos

Dedico este trabalho aos meus pais e amigos, pelo apoio, incentivo, carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia e à Faculdade de Educação Física pela oportunidade de realizar este curso.

Aos meus familiares Rita Maria Vieira Portela Melo, José Roberto de Melo, Lara de Medeiros Portela Melo, Raquel Portela Melo e Clara Portela Melo, por estarem ao meu lado neste contínuo processo do que é ser humano

À minha orientadora Clarice Carolina Ortiz de Camargo pela dedicação na construção deste trabalho, me estimulando sempre a manter o foco, alinhamento e não desistindo de mim.

Ao Universo e sua sincronicidade por ter me dado as melhores oportunidades de desenvolvimento que eu poderia ter. Aho!

AVALIAÇÃO FORMATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: possibilidades e aproximações apresentadas no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) 2017

RENAN PORTELA MELO

Graduando da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: renanportelamelo@gmail.com

Mestre (a). CLARICE CAROLINA ORTIZ DE CAMARGO

Professora da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: claricecarolinacamargo@ufu.br

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo identificar se as pesquisas na Educação Física, em um dos principais congressos da área, o CONBRACE, do ano de 2017, estão abordando assuntos relacionados à Avaliação Formativa ou se, ao menos, durante suas explanações estes já apresentam nas suas bases princípios da mesma. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os anais do CONBRACE 2017 utilizando como foco das buscas a palavra Avaliação. Observamos que existem pesquisas sobre Avaliação na Educação Física Escolar no CONBRACE 2017, mas não encontramos pesquisas com o foco na Avaliação Formativa, mesmo algumas apresentando princípios da mesma. Concluímos que pesquisas mais aprofundadas precisam ser realizadas para analisarmos a utilização da Avaliação Formativa nas pesquisas da Educação Física Escolar no CONBRACE e em outros Congressos

PALAVRAS-CHAVE: educação física, avaliação, avaliação formativa.

Introdução

Desde criança, apresentei facilidade no desenvolvimento das habilidades motoras. Fui estimulado a brincar em diversos ambientes como ruas e praças, que favoreceram também minha comunicação e sociabilidade. Tais estímulos são importantes, pois dentro de casa, enquanto estamos embebidos da atmosfera familiar, onde a comunicação geralmente é facilitada porque se desenvolve de maneira simples a convivência nos leva a adotar determinados padrões confortáveis de comportamento. No entanto, quando nos encontramos diante de situações diferentes em ambientes que oferecem outros tipos de desafios, como, por exemplo, o ocorrido no início da vida escolar, precisamos buscar novas maneiras para nos adaptar ao meio. A necessidade de

adaptações nos estimulará a encontrar novos caminhos e múltiplas possibilidades de nos expressar, podendo fomentar assim uma formação mais complexa e integral.

Durante a minha infância e adolescência, as possibilidades de brincadeiras nas ruas eram bem diferentes que as de hoje em dia. Eu e meus amigos podíamos brincar tranquilamente, nos preocupando apenas com os carros e motos que eventualmente passavam nas ruas, e realizar as mais variadas atividades. Desde o bom e velho futebol, marcando as metas com as nossas “chinelas”, até outras mais “complexas” como mãe da rua, pipa, pião, bolinha de gude, taco ou beto, esconde-esconde, e etc. Em alguns momentos também íamos às praças e quadras públicas, que ao menos na Zona Norte de São Paulo, eram bem cuidadas. Ou seja, os espaços públicos naquela época eram mais frequentados e a manutenção das crianças nas ruas era fomentada pela própria movimentação das mesmas. As crianças queriam estar nas ruas pois, haviam crianças nas ruas. Existe uma pequena diferença entre a segurança pública de antigamente com a de agora? Pode ser que sim. Mas, pode ser que exista um excesso de cuidado dos pais com a permanência de seus filhos nas ruas? Pode ser que sim. Sendo assim, na conjuntura atual, onde as crianças permanecem a maior parte do tempo dentro das suas casas ou quicá condomínios, dependendo das condições financeiras da família, a escola acaba sendo um dos poucos lugares onde as crianças e jovens começam a ter contato com a vida real, sem tantos confortos e ilusões. Desta maneira, a escola se mostra como o alicerce para a formação integral deste novo participante da sociedade como um indivíduo real, fora dos muros de proteção de sua casa e envoltório familiar.

No contexto escolar, dentro do processo contínuo do nosso crescimento, existirão estímulos para as mais diversas dimensões de aprendizagem, tais como, social, afetiva, cognitiva, motora, psicológica, financeira cultural, dentre outras. Por mais que possam existir diferenças gritantes entre escolas, professores e ambientes, o contexto escolar sempre será desafiador e funcionará para a criança como seu laboratório social fora do ambiente familiar.

Durante a minha formação escolar, sempre adorei a Educação Física, porém, havia algo que me intrigava: a diferença entre a satisfação que eu sentia em realizar aquelas aulas e a falta de interesse de outros colegas que permaneciam todo o tempo sentados na arquibancada, apáticos. Nos meus pensamentos, tentando entender essa situação, me perguntava se isso seria culpa do professor por uma suposta inabilidade motivacional, ou eventualmente uma possível preguiça e falta de ânimo dos meus colegas eram maiores do que qualquer habilidade docente. Imaginava também se o

desinteresse seria devido à falta de intimidade com os esportes, as frustrações, ou ainda a alguma outra dificuldade física que pudesse impedi-los de participar das aulas de educação física.

Estas dúvidas me acompanharam não somente na minha educação básica como também durante a minha graduação, nessa mesma área. Durante esta fase, tive a oportunidade de participar de vários projetos e estágios dentro do contexto escolar. Estas vivências nas escolas, aliadas ao meu grande interesse pelo desenvolvimento humano em geral, me proporcionaram momentos de muita reflexão sobre o lugar e o papel da educação física neste ambiente e na vida das crianças e jovens. Muitas coisas me incomodavam neste contexto e as dúvidas permaneciam. Além disso, os subsídios que me foram apresentados, como questões técnicas, abordagens, práticas corporais, aspectos didáticos e metodológicos do ato de ensinar e de aprender, problemas do desenvolvimento motor, fatores psicológicos da educação e muitos outros, não foram suficientes para sanar minhas questões.

Em um dos projetos de pesquisa que participei, no período de 2016 a 2017, sob a orientação da professora Viclei Sobreira, da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA/UFU), sob o tema de Rotas de Acesso à Educação Física, entrei em contato com a Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner (1995, 2001, 2010), até então desconhecida por mim. Imediatamente vislumbrei a possibilidade de transformação da prática pedagógica na Educação Física, pois pude perceber que uma provável possibilidade de equívocos ou limitações didáticas da maior parte dos professores, não só os da área da Educação Física, mas de muitos que escolhem a docência como profissão, poderia estar na interpretação de como acontece o processo de ensino-aprendizagem, no olhar para o/a estudante que aprende e na avaliação deste processo como um todo. Ao meu ver, na maioria dos casos da minha experiência, desde a educação básica até a graduação, o foco na sala de aula sempre foram as disciplinas, conteúdos e atividades, tendo o professor como ponto central, e não a aprendizagem.

Participando um dia, no final de 2016, do Primeiro Seminário Regional de Educação Básica na ESEBA – UFU, me deparei com um grupo de trabalho que tinha como tema a Avaliação Formativa. Eu me interessei prontamente. Realizei a inscrição e no dia correto estava lá. Nesta comunicação, alguns professores/as e estudantes/as de mestrado apresentavam seus projetos, que, de alguma maneira, se relacionavam ao tema “Avaliação”. Durante as discussões após cada apresentação, meu interesse e encanto

pelo tema iam aumentando exponencialmente e mesmo sem ter qualquer estudo anterior, pude em alguns momentos, realizar algumas perguntas, onde as respostas levaram a discussões interessantes por parte dos demais participantes.

A partir da conciliação de todas estas experiências formativas, passei a entender o processo avaliativo como integrado ao processo de ensino e aprendizagem. No entanto, em algum momento, várias questões me vieram à mente. Sendo assim, iniciei uma busca para entender como o tema Avaliação Formativa está sendo pesquisado pelos meus colegas da educação física escolar. Será que existem pesquisas na área que já abordam este tema? Se existem, onde estão sendo divulgadas? Os trabalhos sobre avaliação na educação física já falam sobre avaliação formativa?

Desta chuva de questionamentos nasceu o interesse nesta pesquisa. Inicialmente, junto aos meus orientadores Clarice Carolina Ortiz de Camargo e Tiago Alves Soares, optamos por determinar como o objetivo deste trabalho, identificar pesquisas já existentes referentes à Avaliação Formativa dentro da Educação Física Escolar. Para isso, optamos em identifica-los a partir de um congresso importante e relevante da Educação Física no Brasil. Escolhemos o CONBRACE 2017 (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) por este ser um Congresso que já apresenta a sua 20ª edição, com intervalo de edições de apenas 2 anos, fazendo com que as pesquisas se mantenham atuais e relevantes dentro do contexto educacional do país, além de divulgar em seus anais uma vasta variedade de trabalhos apresentados no contexto da educação física escolar.

Fundamentação Teórica

Para pensarmos no que é avaliar, independente do contexto onde esta avaliação esteja inserida, é interessante entendermos em primeiro lugar o que nos levou a avaliar e o que está por trás das avaliações, para aí sim, em seu cerne, analisarmos de maneira mais ampla o ato avaliativo.

A definição ou o conceito de avaliação, dentro do contexto histórico que será exposto a seguir, significou comparar, literalmente, sem levar em consideração as influências, cargas sofridas pelos objetos avaliados. No entanto, tradicionalmente existem algumas tentativas mais minuciosas de expor a mesma ideia. “Calcular ou determinar o valor, o preço ou o merecimento (MICHAELLIS, 2019). “Determinar o

valor de. Compreender. Apreciar” (PRIBERAM, 2019). “Determinar o valor, o preço, a importância de alguma coisa. Reconhecer a grandeza” (DICIO, 2019).

Pudemos observar que a expressão determinar o valor é apresentada em todos os conceitos expostos anteriormente. Quando valorizamos algo, existe implicitamente uma comparação, e é neste contexto comparativo que iniciarei a minha perspectiva histórica do conceito de avaliação “como um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar cada educador e educando na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de ser na vida” (LUCKESI, 1997, p2)

Um dos países que possuem registros mais antigos sobre a preocupação com as avaliações é os E.U.A. (VIANNA, 1995). Por conta do lançamento do *Sputnik* pelos russos, os estadunidenses associaram o seu teórico atraso tecnológico a carência educacional de base. Sendo assim, deram para a avaliação um papel mais importante, já que precisavam reavaliar suas estratégias de ensino. Estavam aí comparando o seu nível de tecnologia, à tecnologia dos russos e responsabilizando a educação por seu atraso.

A associação da avaliação ao processo educativo, de maneira informal, existe há praticamente dois séculos nos EUA, sendo que sua natureza formal foi iniciada pelo educador estadunidense Horace Mann em 1845 (VIANNA, 1995). Tal educador iniciou coletas de dados para auxiliar o governo a fundamentar políticas públicas de avaliação. A partir daí começaram a ser desenvolvidos os instrumentos objetivos padronizados, visando estabelecer scores de comparação para os estudantes.

Este objetivo de comparação, seco e frio, vai de encontro ao que estudava Buriasco (1999). Para esta autora, a avaliação tem sido utilizada como parte de uma ação política que visa discriminar aqueles que a sociedade já mantém discriminados, sócio, econômica e culturalmente. A crença liberal e empresarial do mérito como responsável pelo sucesso tem utilizado a avaliação como um instrumento de legitimação da seletividade comparativa.

Tais necessidades de comparação, de acordo com Vianna (1995), foram influenciadas pelas alterações na vida social americana nos trinta primeiros anos do século XX, que passaram a se basear em três elementos pensados para a vida gerencial das indústrias, mas que acabaram afetando a totalidade da sociedade. Estes elementos são: sistematização, padronização e eficiência. A partir daí a comunidade educacional passa a entender, por conta de grande influência dos financiadores empresariais, que a avaliação deveria buscar padrões entre as escolas, professores e estudantes e, também

serviria como medida da eficiência do processo educativo como um todo. Avaliação passa a ser sinônimo de medida.

No Brasil, o interesse dos grandes empresários na educação também é nítido. De acordo com Freitas (2016), existe uma disputa do empresariado brasileiro pelo controle dos jovens, professores e escolas, dentro de uma estratégia que tenta adequar o ensino às necessidades e às teorias organizativas empresariais. Sendo assim, não é à toa que o maior incentivador do contexto educacional brasileiro seja o Movimento Todos Pela Educação, ancorado na elite empresarial financeira.

Outro fator preponderante para o entendimento e necessidade da avaliação como medida e comparação segundo Vianna (1995) a formação de currículos específicos, advindos de grandes projetos, financiados pelo governo nos E.U.A., no princípio da década de 60. Inclusive, neste momento histórico foi instalada a função específica do Avaliador, que no ambiente empresarial tinha a função de Recursos Humanos.

Ou seja, a educação não era voltada para o bem do aluno, mas sim para um bem específico. Cumprir um currículo específico que era atrelado a algum tipo de interesse, ou do governo ou dos grandes empresários.

Outros motivos que também levaram as escolas e os estudiosos a pensarem atos avaliativos foi a necessidade deturbada de Penalização, Punição e Exclusão. Estes motivos permanecem vivos até hoje em alguns ambientes educacionais.

Neste contexto, Camargo e Mendes (2013, p.374) declaram:

[...] a avaliação educacional tem um importante papel, pois ao mesmo tempo em que ela pode exercer uma função emancipatória, transformadora e democrática e assim garantir o acesso, a permanência e a conclusão dos estudos dos estudantes de um modo geral, em seu outro extremo a avaliação pode exercer uma função completamente diferente: autoritária, excludente e perversa.[TC1]

Além de instrumento de comparação e medida, as avaliações, dentro da lógica capitalista e empresarial como dita anteriormente, também começaram a ser usadas em detrimento de uma lógica de exclusão e penalização.

É esperado dos estudantes que eles se encaixem em certos tipos de padrão de aprendizado. O aluno fracassado é aquele que não consegue demonstrar certo tipo de conhecimento, dentro do tempo estipulado pela instituição educacional, de uma certa maneira também estipulada pela mesma. De acordo com Perrenoud (1998), esta visão

naturalizada de fracasso impede a compreensão que, este pseudo-fracasso, resulta de formas e normas de excelência instituídas pela escola e que não necessariamente são as formas que evidenciariam a compreensão e potencialidade, ou não, do aluno.

Esta maneira excludente de avaliar não está voltada para a aprendizagem do aluno. Ela simplesmente serve como uma medida, não estando encaixada durante o processo de aprendizagem. Villas Boas (2006) enfatiza que “ainda se avalia para dar nota, aprovar ou reprovar os estudantes. As práticas avaliativas escolares têm, cada vez mais, se inspirado na competição presente nas atividades sociais.

Repensando as Avaliações

Agora que já percorremos brevemente alguns caminhos acerca de como aparentemente se deu o início dos processos avaliativos, vamos elucidar conceitos de alguns autores que, aos poucos, começaram a questionar os mecanismos vigentes das avaliações, abrindo assim possibilidades de mudanças no cenário atual, ou no *status quo* das avaliações.

Kraemer (2005, pag. 3), nos diz que “avaliar é atribuir um juízo de valor sobre a propriedade de um processo para a aferição da qualidade do seu resultado”. Nesta definição a autora esboça um conceito simples e ao mesmo tempo bem amplo sobre o que possa ser entendido como avaliação. Aparentemente, quando diz atribuir um juízo de valor nos remete a subjetividade de um juízo de valor. Cada ser expõem um valor referente à toda carga histórica da sua criação. E, mantém a noção de subjetividade quando escreve aferição da qualidade do seu resultado. Como aferir a qualidade de um resultado de forma impessoal? Tal aferição sempre carregará algo de subjetividade, atrelada aos valores do avaliador.

Firme (1994) levanta critérios essenciais, discutidos por organizações educacionais, que devem fundamentar qualquer avaliação. Tais critérios se agrupam em quatro categorias, sendo elas a utilidade, viabilidade, exatidão e ética. Através de comentários sobre os critérios, Firme (1994, p. 3) esclarece o entendimento sobre estes:

Assim, no que se refere à utilidade, o que se enfatiza é que o processo em sua totalidade, deve ser útil a todos os envolvidos, ou seja, os que encomendam, os que participam e os que irão se beneficiar direta ou indiretamente do processo dos resultados. Com relação à viabilidade, é importante sublinhar a

possibilidade de execução e a oportunidade no tempo, no espaço e nas condições, e por isso a viabilidade técnica, política, acadêmica e social. Com relação à exatidão, seria o mesmo que dizer corretamente conduzida, com instrumentos adequados, sintonizados com a informação que se quer obter. Finalmente no que se refere à ética, é essencial que a avaliação se realize se for justo fazê-la, se for justificada com a necessária transparência e com o devido respeito com os que dela participam.

Para esta autora, mais do que um momento específico, a avaliação é tida como algo que se requer extremo cuidado e organização através de fundamentos e princípios norteadores. Caso não sejam contemplados todos os princípios, o momento avaliativo deve ser revisto.

Luckesi (1997, p. 4), sintetiza que “avaliar é um ato pelo qual, através de uma disposição acolhedora, qualificamos alguma coisa, tendo em vista de alguma forma tomar uma decisão sobre ela”. Nesta frase do professor da UFBA (Universidade Federal da Bahia), a palavra acolhedora se destaca. Acolher significa oferecer ou obter refúgio, proteção ou conforto. Também pode significar abrigar ou amparar. Independente de qual destes significados esteja correto, fica evidente que mesmo dentro de um conceito tradicional (qualificamos alguma coisa), Luckesi aponta uma característica que vislumbra uma alteração de posicionamento onde, o aluno se torna o foco do aprendizado. De acordo com a citação, é necessário acolher para começar a se pensar em poder avaliar.

De acordo com Miranda (2014), a avaliação educacional voltada ao processo de ensino segue a proposta de avaliar continuamente a aprendizagem, atribuindo valores em escalas relacionadas aos aspectos quantitativos e qualitativos, tendo assim a finalidade de reportar os objetivos que foram traçados no início da etapa. Na concepção da autora, a avaliação já se mostra como um processo contínuo e não apenas um momento específico para se mensurar o aprendizado. Esta visão já a diferencia de muitos ao seu redor.

No entendimento de Buriasco (1999) a avaliação do rendimento escolar tem sido utilizada como parte de uma ação política que tem o objetivo de discriminar, através do processo educativo, aqueles que a sociedade já mantém discriminados sócio, econômica e culturalmente. Seguindo sua explanação, Buriasco, citando Souza ressalta:

A crença liberal no esforço e no mérito pessoal como responsáveis pelo sucesso do aluno em um processo educativo tem utilizado a avaliação como um instrumento de legitimação da seletividade da educação e conferido ao ensino e às escolas um papel subsidiário diante do fracasso do aluno (apud Souza, 1993, p.146)

Em uma teórica conversa entre Buriasco e Souza, ao ouvirem a frase “Os circuitos de consagração social serão tanto mais eficazes quanto maior a distância social do objeto consagrado” de Pierre Bourdieu em aula no *Collège de France* em fevereiro de 1987, poderia existir uma certa identificação entre os três autores. Para ambos, de forma breve, a discriminação mantém a distância entre o consagrador e o objeto consagrado. Em um contexto escolar isso quer dizer que, quanto mais distante for o aluno do entendimento do que deve ser avaliado e o motivo real da avaliação, mais consagrada e dogmática será esta avaliação, não participativa, não integral e impositiva.

Na visão de Bratfische (2003, p 2)

A avaliação no âmbito da educação física deve ser analisada de maneira ampla, contextualizada e inserida no projeto político-pedagógico da escola e não restrita a métodos, procedimentos técnicos e aplicação de testes físicos.

Para Santos apud Charlot, (2000, p 3) a educação física é uma ótima disciplina para se pensar em métodos de avaliação pois:

De acordo com o autor, só podemos entender o sujeito de saber à medida que damos visibilidade às relações estabelecidas com o próprio saber, dado que é apreendido apenas em relação, sob formas particulares de se implicar nesse processo. Relações essas produzidas a partir do confronto com o outro, dos interesses compartilhados, da colaboração mútua, da forma como o sujeito se percebe, vê o outro e é percebido. Desse modo, não há um saber materializado em si mesmo, mas constituído de maneiras singulares na relação com o mundo.

Dando continuidade aos argumentos a favor da Educação Física, Santos (apud SCHENEIDER; BUENO, 2005, p. 4)

Entender que a Educação Física privilegia a relação com o saber de domínio que se materializa no fazer com, e a partir

dele estabelecer diálogo com outras figuras do aprender como saber-objeto e saber relacional nos ajudou a compreender o papel dessa disciplina no contexto escolar.

Destacamos ainda, no campo dos estudos da Educação Física nas pesquisas sobre avaliação os/as autores/as Sandra Aparecida Bratfische (2003), Josiane Diniz (2009), Silvia Cristina Franco Amaral (2009), Wagner dos Santos (2014) e Gabriel Humberto Munhoz Palafox (1998), entre outros.

Foram apresentadas concepções históricas sobre avaliação para podermos utilizá-las como referência no entendimento mais profundo do que realmente se trata a avaliação formativa.

Fundamentos da Avaliação Formativa

Conforme o exposto nos conceitos sobre as funções da avaliação, vimos que uma delas é denominada de Avaliação Formativa, e é neste conceito que iremos nos debruçar agora para entender que através dela que todo o processo de ensino e aprendizagem pode sofrer as alterações necessárias para ser realmente integral, formativa e gerar aprendizado.

Para isso, nos apoiaremos, preferencialmente em um autor cujas obras a respeito dos processos de avaliação formativa são muito reconhecidas, tanto pelo rigor acadêmico como pela sensibilidade ao enxergar novos rumos para a educação a partir de um diferente entendimento sobre o processo avaliativo. Este autor é português e se chama Domingos Fernandes. Faremos algumas citações de outros autores, mas a maioria do texto se baseará em suas obras.

“Mais do que uma mera questão técnica, a avaliação tem que ser encarada como um poderoso processo pedagógico cujo propósito primordial é o de ajudar os estudantes a aprender” (FERNANDES, 2011). Fernandes nos deixa evidente a preocupação para além do entendimento técnico sobre métodos de avaliação. Diferente de visões clássicas de avaliação somativa, que focam a investigação na apreensão ou não dos conteúdos, a avaliação formativa tem como premissa o foco no aluno e na avaliação como intrínseca ao processo de ajudá-lo a aprender, sem foco na mensuração dos conhecimentos ou classificação dos estudantes.

Mas de fato, o que diferencia a avaliação formativa das demais avaliações? Mesmo dentro do termo avaliação formativa existem várias concepções diferenciadas.

Vale destacar que os conceitos de avaliação formativa e somativa elaboradas por Scriven, em 1967 (VILLAS BOAS, 2011; FERNANDES, 2005; LIRA, MARINELLI e LIMA, 2010) contribuíram para diferenciá-las e, conseqüentemente, para promover uma mudança paradigmática referente ao sentido da avaliação educacional: avaliar para classificar versus avaliar para promover aprendizagem (CAMARGO, 2014, p. 49).

Foi neste período, após a concepção da Avaliação como juízo de valor que o conceito de avaliação formativa começou a se desenvolver. De acordo com Fernandes (2009), surge em 1967 por intermédio de Michael Scriven a distinção entre avaliação somativa e avaliação formativa. No entanto no mesmo texto, o autor evidencia que existem muitas diferenças ainda sobre o mesmo conceito entre duas linhas de pensamento (FERNANDES, 2009, p.23):

Na verdade, são múltiplas as diferenças de entendimento entre behavioristas e cognitivistas acerca de avaliação formativa. Os primeiros usam-na mais frequentemente na análise de resultados, em um quadro de definição de objetivos muito específicos e de tarefas que testam cada um desses objetivos, ao passo que os segundos utilizam-na mais na análise dos processos de aprendizagem dos alunos em um quadro de definição mais abrangente e integrada de objetivos e de tarefas que avaliam um leque mais amplo e integrado de saberes.

Neste trecho que acabamos de citar, Fernandes explicita o que considera realmente como formativa a visão de avaliação considerada pelos cognitivistas e não pelos behavioristas. Estes entendiam como formativa as avaliações de juízo de valor, sendo que estas avaliações possuem mais relação com avaliações da aprendizagem do que com avaliações para a aprendizagem.

Cognitivistas, com ideias voltadas mais para as avaliações para as aprendizagens começaram a chamar suas versões de avaliação de alternativas. De acordo com Domingos Fernandes (2009, p. 8) isso ocorre, pois,

[...]uma avaliação que, sendo eminentemente formativa em suas formas e em seus conteúdos, é alternativa à avaliação psicométrica de matriz behaviorista, muito baseada na avaliação somativa e na ideia de avaliação como medida.

Para o autor, a avaliação formativa é

[...] uma avaliação mais humanizada, mais situada nos contextos vividos por professores e alunos, mais centrada na regulação e na melhoria das aprendizagens, mais participada, mais transparente e integrada nos processos de ensino e de aprendizagem. Ou seja, uma avaliação que é eminentemente formativa nas suas formas e nos seus conteúdos (FERNANDES, 2005, p. 3- 4)

Por fim, de acordo com Camargo (2014, p 47) os princípios e fundamentos da avaliação formativa são:

a avaliação formativa do contexto atual e que defendemos nessa pesquisa valoriza a participação, a autonomia, a autoria, o processo, a construção e a colaboração de todos os envolvidos nos processos educativos. No mesmo sentido, prioriza-se uma relação dialógica, problematizadora e emancipatória entre os sujeitos e os objetos de conhecimento.

Ou seja, o objetivo da avaliação formativa é então

[...] promover aos alunos uma aprendizagem com compreensão dos processos vivenciados, assim como possibilitar aos professores análise, reflexão e intervenção aprofundada do seu trabalho e dos processos de aprendizagem dos alunos, com vistas a transformar a prática docente (CAMARGO, p. 60).

Diante disso, o que se pretende ao longo dessa pesquisa é realizar uma breve jornada pelo CONBRACE 2017, analisando todos os trabalhos que possam ter qualquer relação com Avaliação Formativa ou seus princípios, para que possamos identificar como a Educação Física vem tratando este tema, ao menos neste congresso.

Metodologia

Utilizamos como método principal a pesquisa bibliográfica, com uma atitude de constante busca. O aprofundamento se torna bem complexo, a medida que uma referência sempre leva a outra, no entanto todo este processo é necessário. Por mais

completa que pareça, uma pesquisa estará sempre inacabada para um indivíduo com espírito de pesquisador.

Outra característica desta pesquisa é que optamos por realizá-la justamente por verificar durante minhas experiências na escola que muitos dos potenciais dos estudantes podem estar sendo desprezados ou negligenciados na educação física e em outras disciplinas. Percebi os sintomas de um problema na prática, e a partir daí busquei entender como poderia buscar possíveis soluções através de pesquisas.

Com relação a área de conhecimento, nossa pesquisa se encaixa dentro da área de ciências humanas. Segundo Gil (2010) esta divisão de áreas de conhecimento inicialmente foi adotada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que é a principal agência dedicada ao fomento de pesquisas científicas no Brasil.

Quanto à sua finalidade, nossa pesquisa é classificada como uma pesquisa básica. Uma pesquisa básica “reúne estudos que tem como propósito preencher uma lacuna no conhecimento” (GIL, 2010, p 26). Este propósito confere com a nossa finalidade, já que estamos buscando verificar a existência de estudos mais aprofundados nessa nossa área de interesse.

Analisando os objetivos mais gerais, nossa pesquisa se caracteriza como exploratória-descritiva. Isto se deve pois de acordo com Gil (2010) o trabalho tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, e ainda, adicionalmente, visa buscar a descrição das características de determinada população pesquisada.

Como dito anteriormente, o tipo de pesquisa empregado será a pesquisa bibliográfica. A este respeito Gil (2010, p 29) conceitua:

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações, e anais de eventos científicos. Todavia em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela internet.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

CONBRACE: Apresentação

O Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), e o Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE), são realizados pelo CBCE (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte) e acontecem conjuntamente a cada dois anos, se constituindo como um dos principais eventos da área da Educação Física e Ciências do Esporte do país.

Segundo o site do CBCE, a primeira edição do CONBRACE aconteceu em 1979, na cidade de São Caetano do Sul, no estado de São Paulo, com o tema: A Criança brasileira e a atividade física (CBCE, 2017). Desde então, contando com o ano de 2017, já ocorrerão vinte edições do congresso.

No ano de 2019 ocorrerá a vigésima primeira edição do Congresso, no entanto para nós a versão de 2017 é a mais atual pois estamos concluindo este trabalho em julho de 2019, sendo que a edição deste ano ocorrerá em apenas em setembro.

O CONBRACE 2017 aconteceu em Goiânia, no Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás.

A busca pela avaliação formativa nos trabalhos do CONBRACE 2017

O recorte temático escolhido para esta pesquisa foram todas as publicações realizadas na edição 2017 do CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) que abordassem o tema avaliação na Educação Física. Para isso, colhemos as informações dos anais da edição do CONBRACE 2017, e analisamos todas as publicações, em todos os GTTs (Grupo de Trabalho Temático), a fim de encontrar possíveis pesquisas que apresentam a utilização ou teorização das práticas da avaliação formativa, ou seus princípios, associados à Educação Física Escolar.

Para realizar a busca nos anais do CONBRACE 2017, utilizamos a ferramenta padrão em textos digitais, o “CTRL+F”. Este comando de pesquisa nos revela, dentre todo o texto selecionado, onde estão as palavras que estamos buscando. Iniciamos a pesquisa pelas palavras: avaliação formativa, avaliação das aprendizagens e avaliação

para as aprendizagens. No entanto percebemos que pesquisando por estas palavras, a ferramenta só nos mostrava situações onde elas apareciam juntas. Ou seja, pesquisando por “avaliação formativa”, o resultado da pesquisa não nos mostrava artigos que mostravam “avaliação” e “formativa” separadamente, mesmo que dentro de um mesmo texto. Sendo assim, utilizamos como critério de busca apenas a palavra “avaliação” e analisamos onde e em qual contextualização esta palavra estava inserida.

Utilizando esta ferramenta, foram encontradas 528 citações da palavra “avaliação” dentro das 3.181 páginas dos anais do CONBRACE 2017. Analisamos todas as palavras citadas para entender em quais contextos elas estavam aparecendo, para então selecionarmos os artigos que realizaríamos a leitura aprofundada.

Após a análise das 528 citações, selecionamos os trabalhos que abordavam a avaliação dentro de um viés de ensino e aprendizagem, e ao mesmo tempo davam pistas de fazer uso dos princípios da avaliação formativa, que são: uma avaliação mais humanizada, contextualizada, centrada na regulação e na melhoria das aprendizagens, participativa, integrada nos processos de ensino e de aprendizagem, que visa a autonomia, a autoria, o processo, a construção, o diálogo, a problematização e a emancipação dos sujeitos e os objetos de conhecimento.

Ao analisarmos as palavras avaliação no contexto do texto, buscamos identificar se esses princípios apareciam. Não necessariamente a avaliação precisava ser o ponto central do texto para este ser selecionado para análise, bastando que o termo ou conceito “avaliação” aparecesse como ferramenta ou parte de um processo elucidado pelo autor na sua pesquisa.

Nessa etapa de identificação e análise foram selecionados 57 trabalhos entre as 528 citações, tendo como parceria mais dois estudiosos do tema. O estudo realizado objetivou categorizar os textos e responder a algumas questões principais como: Quais princípios da avaliação formativa são apresentados? Quais são as propostas avaliativas formativas? Quais as denominações para avaliação? O estudo sobre avaliação é central ou apenas destacado no trabalho? Quais as referências bibliográficas sobre avaliação? Feitas todas as categorizações, realizamos a análise da população como um todo para entendermos por quais caminhos teóricos-práticos trilharam os estudos sobre avaliações no CONBRACE 2017.

CONBRACE 2017: trabalhos que abordam a avaliação na perspectiva formativa

Após as análises dos cinquenta e sete trabalhos selecionados nos Anais do CONBRACE 2017 encontramos apenas sete trabalhos que abordavam como tema central a Avaliação Física na Educação Física Escolar. No entanto nenhum destes trabalhos tinham a avaliação formativa como tema central, apenas abordando as múltiplas facetas da avaliação na nossa área.

No entanto, mesmo sem abordar o tema “avaliação formativa” literalmente, quatro destes sete artigos apresentaram durante suas discussões alguns princípios que entendemos como presentes na mesma, como: avaliação emancipatória, consenso entre docente e discente, registro das ações e avaliações estruturadas a partir de conteúdos contextualizados, que já faziam parte do dia a dia dos estudantes, sendo eles:

1. Reflexões sobre a avaliação por área de conhecimento no Ensino Médio Politécnico: a Educação Física como o fiel da balança,
2. Possibilidades democráticas e inovadoras nas aulas de Educação Física: relatos da observação em uma comunidade de aprendizagem,
3. Práticas avaliativas de professores de Educação Física na Educação Infantil: um diálogo com a rede municipal de vila velha
4. Práticas alternativas em Educação Física: avaliação através da música

Dos cinquenta artigos restantes, dezoito não tinham o tema avaliação como central nos seus textos, mas de alguma forma abordavam o tema de maneira breve dentro dos seus objetivos.

Destes dezoito trabalhos selecionados, apenas cinco não apresentaram ao menos algum princípio do que entendemos serem pertencentes à avaliação formativa, restando assim, treze trabalhos para analisarmos.

Desses treze trabalhos, que demonstraram fazerem uso da avaliação na perspectiva formativa, destacamos os seguintes princípios identificados:

- desenvolvimento da autonomia dos estudantes no aprendizado;
- oferta de diversas possibilidades que incluía os estudantes no âmbito educacional;
- prática da auto-avaliação;

- avaliação como parâmetro para análise da aproximação ou distanciamento curricular;
- intervenção sobre a própria prática com vistas à melhoria da mesma;
- ciclos constantes de planejar, agir, descrever e (re)avaliar;
- ampliação, aprofundamento e discussão dos temas trabalhados;
- aproximação entre reflexão-ação;
- estreitamento entre a bibliografia, a proposta curricular e a práxis dos professores.

Os trabalhos que apresentaram esses princípios foram:

1. O corpo em evidência: possibilidades de trato pedagógico no âmbito da educação física escolar;
2. Os livros paradidáticos nas aulas de educação física como estratégia de se discutir e contextualizar a inclusão: o estudo do vôlei sentado;
3. A prática curricular da educação física em uma escola de referência da secretaria de educação de Pernambuco;
4. Meu forró tem amor, tem alegria: o ensino da dança na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais/APAE em Jacobina-Bahia;
5. Esporte orientação e IFRN: um diálogo com a cultura escolar;
6. O ensino da luta na educação básica nas aulas de educação física: uma experiência do programa institucional de bolsistas de iniciação à docência;
7. Corra das drogas: experiência de prevenção à dependência química por meio;
8. Uma experiência com o ensino de jogos e brincadeiras no segundo ciclo do ensino fundamental;
9. Um estudo sobre o conselho de classe no CEPAE/UFG e suas relações com a organização do trabalho pedagógico;
10. O Parkour como desafio para a educação física escolar;
11. Enfrentando a “fuga” do atletismo nas aulas de educação física escolar;
12. Formação de professores de educação física: cartografia como potencialidade didática e;
13. Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo.

Os outros trinta e dois trabalhos analisados apresentavam a palavra avaliação apenas como citação dentro de suas próprias explicações, no entanto não se relacionavam com nenhum critério estabelecido por nós, sendo apresentado somente como ferramenta para suas conclusões.

Quadro 1 – Identificação da avaliação formativa ou seus princípios nos trabalhos selecionados

57 trabalhos Selecionados para análise	7 trabalhos apresentaram a avaliação como Tema Central	4 trabalhos apresentaram ao menos 1 princípio	17 trabalhos apresentaram ao menos um princípio	29,8%
	18 trabalhos destacaram o uso da avaliação	13 trabalhos apresentaram ao menos 1 princípio		
	32 apenas citaram a avaliação	nenhum destes trabalhos apresentaram os princípios da avaliação		

Fonte: elaborado pelo autor

Considerações finais e Conclusões

Compilando todos estes dados, de acordo com a nossa visão do que são princípios da avaliação formativa, encontramos um total de dezessete (quatro que a avaliação era tema central, e treze que a avaliação era usada nas explicações) trabalhos que apresentaram ao menos um princípio que entendemos como representante desta abordagem.

Ou seja, dentro dos cinquenta e sete trabalhos selecionados por nós, um total de 29,8% apresentaram princípios e abordaram a avaliação formativa sem necessariamente estarem focando os seus resultados nesta abordagem.

O que podemos entender sobre isso? Ao nosso ver, uma das possibilidades, é que o interesse por pesquisas em avaliação formativa, entre os expositores e pesquisadores do CONBRACE 2017, pode ainda estar disperso ou desconhecido.

Muitos trabalhos, ou seja quase 1/3 das publicações selecionadas por nós por conter uma contextualização educacional e de ensino-aprendizagem, já abordam princípios inovadores, emancipatórios, processuais, e que estão mais voltados a avaliação para a aprendizagem, levando em consideração o maior contato entre

professor, estudante e suas realidades, contextualizando de modo mais amplo, processual e integral o ensino e suas múltiplas possibilidades.

No entanto, evidenciamos que nenhum dos trabalhos selecionados citava o conceito “Avaliação Formativa e Educação Física” ou “Avaliação Formativa na Educação Física”, sendo assim, inúmeras possibilidades de trabalho na área podem ser pesquisadas neste e em outros congressos da Educação Física no Brasil.

Refletimos também sobre os conceitos da avaliação formativa. Já que a avaliação deve ser processual e, entende como alguns de seus princípios a auto – regulação, emancipação, *feedback* e auto – avaliação, não deveria estar ela dissolvida em um método de ensino e aprendizagem e não apenas estar sendo pesquisada e estudada de maneira isolada?

Cabe esta reflexão, entre outras, como: O processo de Avaliação Formativa leva em consideração a multiplicidade de inteligências do ser humano estudadas por Howard Gardner? Seria possível alguma aproximação entre essas duas teorias? A Avaliação é mesmo formativa e integral se não estiver levando em consideração as Inteligências Múltiplas? Será que uma poderia auxiliar a outra no processo educativo? Já existem estudos, dentro das pesquisas da Educação Física, que permeiam as duas teorias? Como elas podem influenciar na Educação Física?

Tais questões devem fazer parte de uma possível pesquisa em um Mestrado em Educação. Até que isso ocorra, vamos compreender e utilizar melhor todas as informações e conceitos levantados e estudados nesta pesquisa.

Formative Evaluation in School Physical Education: Possibilities and Approaches presented at the Brazilian Congress of Sports Sciences (CONBRACE) 2017

This research had as objective to identify if the researches in Physical Education, in one of the main congresses of the area, CONBRACE, of the year 2017, are addressing subjects related to Formative Evaluation or if, at least, during their explanations these already present in their principles. For this, a bibliographical research on the annals of CONBRACE 2017 was carried out, using the word Evaluation as the focus of the searches. We observed that there are researches on Evaluation in Physical Education School in CONBRACE 2017, but we did not find research with the focus on Formative Evaluation, even some presenting principles of the same. We conclude that more in - depth research needs to be done to analyze the use of formative evaluation in CONBRACE and other Congresses

Keywords: physical education, assessment, formative

Referências

AMARAL, S.C.F, DINIZ, J. **A Avaliação na Educação Física Escolar: uma comparação entre as Escolas Tradicional e Ciclada.** Revista Movimento, v.15, n1, 2009.

ANAIS XX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIENCIAS DO ESPORTE. Disponível em
<<https://drive.google.com/file/d/1zOdXU0QN9o1jHKDtPv7BDccJSV0HdF8P/view>>
> Acesso em 20 de março de 2019.

BURIASCO, Regina. **Algumas Considerações sobre avaliação educacional**. Londrina. Tese de Doutorado. 1999

BRATIFISCHE, S.A. **A avaliação em Educação Física: Um desafio**. Revista de Educação Física/UEM, Maringá, v.14, n.2, 2003.

CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. **Métodos de avaliação formativa: desatando nós e alinhando possibilidades**. 2014. 354 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

CAMARGO, C. C. O.; MENDES, O. M. **A avaliação formativa como uma política incluyente para a educação escolar**. Revista Educação e Políticas em Debate, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 372-390, 2013. Disponível em: Acesso em 14 de mar. 2019.

FERNADES, D. **Para uma teoria da avaliação formativa**. Revista Portuguesa de Educação, 2006, 19(2), pp 21-50.

FERNADES, D. **Avaliar para melhorar as aprendizagens: Análise e discussão de algumas questões essenciais**. In I. Fialho e H. Salgueiro (Eds.), Turma Mais e sucesso escolar: Contributos teóricos e práticos, pp. 81-107. Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora, 2011

FERNADES, D. **Avaliar para aprender: Fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo; Editora UNESP, 2009

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Ed. – São Paulo: Atlas, 2010

HEERDT, Mauri Luiz (Org.). **Metodologia Científica e da Pesquisa**. 5. ed. Palhoça: [s.n.], 2007. cap. 3, p. 58-84. Disponível em:
<<http://www.joinville.udesc.br/portal/professores/cristala/materiais/Unidade3aPesquisaCientifica.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2018.

KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. **Avaliação da aprendizagem como construção do saber**. (OK). <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/96974>

LIMA, Telma Cristiane, MIOTO, Regina Célia Tamaso: **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. *Rev. katálysis* [online]. 2007, vol.10, pp.37-45.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 6ª Edição, São Paulo, SP: Editora Cortez, 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/avalia%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 14 de março de 2019.

MIRANDA Flaviane. **Avaliação Educacional: formas de uso na prática pedagógica.** Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 6, n. 16, p. 85-98, jan./abr. 2014.

MIRAS, M., SOLÉ, I. **A Evolução da Aprendizagem e a Evolução do Processo de Ensino e Aprendizagem** in COLL, C., PALACIOS, J., MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MUÑOZ PALAFOX, G. H. **Introdução à avaliação na Educação Física Escolar.** Pensar a Prática (UFG), Universidade Federal de Goiás, v. 1, p. 26-37, 1998.

OLIVEIRA GP. **Avaliação formativa nos cursos superiores: verificações qualitativas no processo de ensino aprendizagem e a autonomia dos educandos.** Revista Ibero-americana de Educacion, 2002 [capturado em: 7 nov. 2007]. Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/261Pastre.PDF>.

PENNA FIRME, Thereza: **Avaliação: Tendências e Tendenciosidades.** Ensaio. Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 1, p. 05-12, 1994.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação da aprendizagem – entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SANTOS, W. **Avaliação na educação física escolar: construindo possibilidades para a atuação profissional.** Educação em Revista, Belo Horizonte, 2014.

VIANNA, Haroldo. **Avaliação Educacional: uma perspectiva histórica. Estudos em Avaliação Educacional.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.12, p 7-24, jul/dez 1995.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de. **AVALIAÇÃO FORMATIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: AINDA UM DESAFIO.** Linhas Críticas, vol. 12, núm. 22, 2006, pp. 159-179, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil